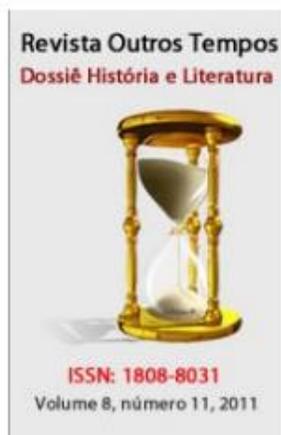


MARQUÊS DE SADE: entre a realidade e a ficção^{1,2}**MARQUIS DE SADE: between reality and ficção**

CARLA FERNANDA DA SILVA

Doutoranda em História – UFPR – Universidade Federal do Paraná
Professora do Curso de História – FURB – Universidade Regional de

Blumenau

escritadesi@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma discussão sobre a literatura erótica e inicia com uma reflexão genealógica da ordenação do desejo na mitologia grega, demonstrando a fuga da espontaneidade presente em Eros em detrimento de seu irmão Anteros (Ordem). Pensando a partir do confronto de Eros e Anteros, fez-se um recorte da obra do Marquês de Sade e, então, uma reflexão crítica da concepção do erótico e da ordem presentes em suas obras, com destaque para ‘*Os 120 dias de Sodoma*’. Ao pesquisar sua obra, concebida durante os internamentos em sanatórios e prisões, percebem-se seus escritos como disciplinadores do sexo, nos quais o autor não pensa o erótico como uma possibilidade do compartilhar dos corpos e do desejo, mas sim como a destruição moral e, por vezes, física do Outro. Se a sua concepção de erotismo impõe a ordem e o disciplinamento, sua escrita, ao contrário, é uma busca incessante de transgressão, ou seja, no ato da escrita é que Sade contribui para uma reflexão sobre a liberdade.

Palavras-chave: Literatura Erótica. Disciplinamento. Marquês de Sade. Erotismo.

ABSTRACT: This article proposes a discussion of erotic literature and begins with a genealogical reflection of ordination of desire in Greek mythology, demonstrating the escape of spontaneity in this Eros at the detriment of his brother Anteros (Order). Thinking from the confrontation between Eros and Anteros, it was a clipping of the work of the Marquis de Sade, and then a critical conception of the erotic and order in their work, especially 'The 120 days of Sodoma'. While researching his work, conceived during internment in sanatoriums and prisons, we can see his writings as disciplinarians of sex in which the author does not think the erotic as a possibility of sharing of bodies and desire, but as the moral destruction, and sometimes physically Other. If your conception of eroticism impose order and discipline, your writing, by contrast, is a incessant search of transgression, the act of writing is that Sade contributes to a reflection on freedom.

Keywords: Erotica Literature. Discipline. Marquis de Sade. Eroticism.

¹ Artigo submetido à avaliação em 27/02/2011 e aprovado para publicação em 16/05/2011.

² Este artigo é resultado de pesquisa realizada pela Autora, como integrante do Grupo de estudos sobre o corpo e sexualidade: “Clio no Cio”, da Universidade Regional de Blumenau.

Eros é descrito por Hesíodo como o mais belo dos imortais, deus grego do amor e do desejo. Em Teogonia dos Deuses, obra do autor grego, é um dos deuses primordiais, junto com Caos, a Terra e o Tártaro, compreendendo a origem do mundo e dos deuses. O Caos separa, Eros une, “é um desejo de acasalamento que avassala todos os seres, sem que se possa opor-lhe resistência.” (TORRANO, 1995, p.34)

Já Platão apresenta Eros como filho de Poro (Expediente) e Pínia (Pobreza), pensando Eros como uma busca constante pela satisfação, pois enquanto filho de Pínia, Eros é magro, anda a mendigar, por vezes sujo, bem distante do belo Eros representado na estatuária grega, ou dos mais belos dos deuses de Hesíodo. Mas, como filho de Poro, é corajoso, audacioso, conquistador, ávido na busca de belos corpos. De força primordial a um deus mendicante, os sentidos que se atribuem a Eros mudam ao longo da história grega, que busca na mitologia o sentido do desejo erótico.

Mas é sobre a terceira versão da origem de Eros que se deseja iniciar a discussão acerca da literatura erótica. Em outro texto da mitologia grega, Eros é filho de Afrodite e Zeus; um Eros menino que preocupa sua mãe por permanecer sempre criança, portanto imaturo. Em sua angústia procura Métis (Prudência), que aconselha a ter outro filho, pois Eros era muito solitário e por isso permanecia criança; apenas a presença de um irmão faria com que se tornasse adulto. Da união de Afrodite e Ares nasce Anteros (Ordem), aquele que permitirá que o desejo amadureça. Nessa concepção, ordenar o desejo é necessário para o crescimento de Eros. Assim, seu irmão Anteros (Ant-Eros) é também aquele que nega a busca interior pelo prazer do sexo, pela beleza dos corpos, pelo desejo impulsivo, a avidez, inconstância e a curiosidade infantil.

E assim, refletindo o mito, buscamos a Ordem, fugindo de Eros, de sua força avassaladora e primordial. Desejos e sentimentos precisam ser controlados em detrimento do amor e da maturidade. A respeito, Bataille faz a seguinte reflexão sobre o erotismo: “O espírito humano está exposto às mais surpreendentes injunções. De maneira incessante, ele tem medo de si mesmo. Seus movimentos eróticos o aterrorizam.” (BATAILLE, 2005, p. 34). Portanto buscase, na Ordem, a fuga da espontaneidade, por vezes ignorando o erótico, negando a vida, visto que “a atividade erótica é, antes de mais nada, uma exuberância da vida, um objeto de uma busca psicológica.” (BATAILLE, 1988, p. 08). Ao pensar a obra de Bataille, podemos questionar o sentido que se dá à “exuberância da vida”. O autor está analisando a relação e

reflexão do erótico do indivíduo consigo mesmo e, nesse sentido, a “exuberância” pode ser a negação da vida, ou seja, a relação Eros e Tântatos.



Ilustração 1 – Eros e Anteros

Anteros, amor virtutis, alium Cupidinem superans
(Amor Sagrado versus Amor Profano)
Giovanni Baglione (1602–1603)

A literatura erótica pode ser o reencontro com Eros, sobretudo nos encontros com o desejo do corpo erótico ficcional, e uma possibilidade de transgressão da ordem. Mas a literatura erótica também pode nos apresentar Ant-Eros, a ordem disfarçada de desejo transgressor. Ordem que se apresenta por meio de manuais de sexo, livros que catalogam posições sexuais, que prometem o prazer ao fim de uma seqüência ordenada dos atos; onde o espontâneo, o impulsivo, perdem-se no cumprimento do ritual descrito pelo livro. O desejo de

ordem é apresentado pelo escritor, mas ansiado pelo leitor, que busca nesses relatos eróticos um meio de alcançar o prazer sexual. Portanto, alguns livros que se apresentam como exóticos ou transgressores, que possuem uma aura de malícia, proibição e mistério em torno de si, ao revelarem-se como manuais controladores do desejo sexual, tornam-se instrumentos de ordenação da força avassaladora de Eros.



Ilustração 2 – Jovem se defendendo de Eros

Willian Bouguereau

Este artigo pretende iniciar uma discussão sobre o desejo e a ordem na literatura erótica por meio de uma das referências nesse gênero: Marquês de Sade e seus escritos do século XVIII. A escolha por esse autor recai no fato de ele ser um dos primeiros a ser lembrado ao se pensar e falar sobre literatura erótica, além de sua exposição ou constante exploração midiática, fato que permite que esse autor esteja sempre presente no imaginário erótico das pessoas, mesmo daquelas que nunca leram Sade. Suas obras guardam em torno de si um silêncio e uma malícia de quem guarda grandes segredos, fato que atrai leitores geração após geração.

A lenda em torno do Marquês de Sade é mais conhecida que sua obra e, enquanto lenda, o imaginário está mais presente do que a realidade. A confusão entre sua obra ficcional e a sua vida é frequente, sendo seus escritos por vezes compreendidos como memória,

principalmente por aqueles que ouviram falar de sua obra, mas nunca tiveram contato com ela. Isso ocorre também porque se espera que um relato erótico parta da vivência do autor, escritos que revelam atitudes transgressoras do escritor expostas em suas supostas ‘memórias’ eróticas.

No erótico a transgressão se torna necessária à medida que o desejo é regulado pela moral, pois “a transgressão é um gesto relativo ao limite: é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem.” (FOUCAULT, 2001, p. 32). A transgressão é um encontro com Eros, pois a partir do momento em que Ant-Eros surge nos é imposto como regulador da atividade sexual, controlando o permitido e o proibido, relegando a prática sexual aceitável para as relações normatizadas pela sociedade, como o casamento. E, mesmo no casamento, são impostos ao sexo regulamentos, seja para o ato sexual, seja o tempo – regulado por calendários religiosos – pois o intuito é distanciar as pessoas do erótico através da rotina, visto Eros ser mitologicamente concebido como uma das forças primordiais, portanto incontrollável, como o Caos. A moral constituída na sociedade compreende que é necessário controlar o desejo, ordená-lo, regulamentá-lo. Assim, o encontro com o erótico se dá pela transgressão da ordem, a excitação surge a partir do proibido, daquilo que nos é negado. Portanto, a literatura erótica apresenta-se em nosso imaginário como uma expectativa de transgressão, com base na possibilidade de verdade, em que o ficcional e o real se confundem. A transgressão enquanto apenas ficção não é muito atraente, pois o leitor almeja uma possibilidade de ele mesmo vir a realizar o que o escritor relatou, pensando a escrita como experiência de vida, portanto com possibilidade de imitação.

O leitor do século XVIII também foi um *voyeur*, que buscou no encontro furtivo com o livro o desejo de transgressão e, ao contrário dos tempos atuais, o livro não competia com o cinema e a televisão; sua leitura era “intensa e concentrada, de mastigação lenta, às vezes repetidas por várias vezes.” (SALIBA, Ano I.nº 12, p. 41). Muito diferente do que vivenciamos como leitura na contemporaneidade, que, pela sua diversidade e quantidade, nem sempre se cogita uma repetição da leitura, ou apego ao livro, o ato *voyeurista* se dá ao assistir à televisão ou à tela do computador, não mais num exercício de imaginação conduzido pelo relato do escritor. No século XVIII o livro era uma possibilidade de encontro com o imaginário sobre o erótico, portanto uma possibilidade de transgressão, e em seus relatos encontra-se “uma espécie

de educação sexual e moral (...) utilizando-se de um artifício narrativo *voyeurista*: os personagens se observam uns aos outros, atrás de cortinas, arbustos ou pelo buraco da fechadura, e o leitor espia por cima dos seus ombros – a corrente de *voyeurs* termina com o próprio leitor, o único que observa sem ser visto.” (SALIBA, Ano I. nº 12, p. 40)

O relato *voyeurista* permite um tom de ‘verdade’ ao escrito, como também ressalta a transgressão cometida por alguém; a força do escritor está no convencimento de proximidade com o real. No caso do Marquês de Sade, cujas transgressões descritas vão muito além de um adultério, estas o tornaram uma figura lendária, pela dúvida que suscita entre a imaginação e a realidade. Seus livros foram proibidos, vendidos clandestinamente em pedidos sussurrados no balcão, conforme a prática no período, em especial na Inglaterra vitoriana; portanto, livros acessíveis a poucos, de fato a uma elite econômica e cultural, criando uma aura de mistério para suas obras.

Após anos de silenciamento, é somente no século XX, em 1909, que os surrealistas Breton e Apollinaire apresentam Sade novamente ao público, pois anteriormente seus livros circulavam clandestinamente, por meio de alguns raros exemplares de colecionadores entre a elite. Mesmo assim, a publicação de seus livros é proibida. Apenas nos anos 40 é que Jean-Jacques Pauvert, biógrafo e editor da obra do autor, enfrenta essa proibição e publica os livros em pequenas tiragens, fato que fez com que fosse processado. De fato, as obras são liberadas apenas após maio de 1968; a censura fortaleceu a lenda sobre o maldito Marquês.

No Brasil, o seu livro mais polêmico – *Os 120 dias de Sodoma* – foi publicado primeiramente em 1969 e, recentemente, em 2006, teve nova edição (SADE, 2006.). Importante citar que sua obra atualmente é estudada pela Academia, o que motiva essas republicações. Mesmo assim, o número de leitores é pequeno, o que não faz com que ele seja menos conhecido, pois a lenda sobre Sade não se constitui somente pelos seus leitores, mas também por meio de outras produções em torno de sua obra. Na contemporaneidade a lenda sobre Sade se reforça pelo poder das imagens, sendo o cinema e os quadrinhos os seus maiores divulgadores. Entre os filmes se destacam: *Saló* (PIASOLINI, 1975) e *Os Contos Proibidos do Marquês de Sade* (KAUFMANN, 2000), este último com intenção biográfica, em que mostra Sade no hospício de Chareton – a forma como aborda a sua compulsão pela escrita é fantástica e permite algumas reflexões sobre o autor. Mas é preciso frisar que é um filme ficcional, em que o diretor se

permite trabalhar a lenda, e não o biográfico do Marquês de Sade; porém nem todos percebem desse modo, e assim, permanece e se reforça o mito em torno do autor. Outro elemento importante são as Histórias em Quadrinhos, em que Sade e sadismo³ se confundem, como em Milo Manara, em que o sadismo é tema freqüente. Em outro estilo de história em quadrinhos, os mangás, de Senno Knife, reúnem histórias diversas, referentes ao sadismo. Sob o título *Sade* (KNIFE, 2006.), Knife adapta *Justine* e alguns contos do Marquês. Constam também nesta obra uma adaptação da *História de O* (REAGE, 1985) e um conto dos Irmãos Grimm: *A Casa das Atrocidades*. O imaginário acerca de Sade está muito mais relacionado ao que se produziu sobre a sua obra, em especial no cinema, quadrinhos e fotografias, do que na leitura de seus livros.

A confusão entre o ficcional de Sade e sua própria vida deve-se primeiramente as suas primeiras prisões, logo após o seu casamento, em 1763 – aos 23 anos – em que foi denunciado por atos de ‘devassidão ultrajante’ por orgias que organizou numa casa que havia alugado para suas atividades extraconjugais; fato que irritou a família de sua esposa e fez com que sua sogra obtivesse uma ordem de prisão contra ele. A intenção era aplicar um corretivo, fazer com que Sade deixasse de organizar suas farras. Após 15 dias de prisão, o mesmo é solto e volta as suas festas orgiásticas. Anos mais tarde, em 1768, é preso novamente, por maus tratos, denunciado por Rose Keller, uma mendiga, sendo condenado a sete meses de prisão. Em 1772 é que ocorre o fato mais grave, que levou Sade à prisão e a uma condenação à morte: foi denunciado por quatro prostitutas por flagelação, sodomia e ingestão forçada de afrodisíacos, fato que quase as levou à morte. Por esse episódio foi condenado por tentativa de envenenamento, porém o mesmo foge para a Itália e é executado simbolicamente em uma praça de Aix-em-Provence. (FERRAZ, Ano I. nº 12)

A partir dessa condenação, a fama de Sade pela França já transpareceu a confusão entre a realidade e o imaginário, e os comentários sobre as orgias promovidas por ele tornaram-se cada vez mais fantasiosas. Passou os próximos cinco anos entre fugas, principalmente pela Itália. Ao retornar para a França, clandestinamente, Sade foi preso e pagou uma multa para livrar-se da condenação à morte. Pensando-se livre, devido aos privilégios aristocráticos, foi preso novamente a pedido da família de sua esposa e sua própria família. Segundo o conde de

³ Cabe destacar que a palavra sadismo surgiu em 1834 e, “é um termo cunhado na psicopatologia de modo a definir uma forma de crueldade que era primariamente erótica.” (VALLADARES, 1998. p. 7 e 8).

Sade, seu pai, o garoto não tinha “nenhuma qualidade que seja boa, e tem todas as que são ruins.” (FERRAZ, Ano I. nº 12. p. 34). Assim, a partir de 1777, Sade foi mantido preso em diversas prisões, a pedido de sua família, em especial de sua sogra, que mantinha forte influência na corte francesa.

Libertado após a Revolução Francesa, o mesmo tornou-se partidário dos revolucionários escrevendo panfletos políticos e atuando em reuniões. Porém, foi condenado à guilhotina durante o Terror, mas conseguiu escapar um dia antes da data na qual seria executado, quando Robespierre foi preso. Assim foi libertado em 1794, permanecendo livre até 1803, quando sua família o interna no hospício de Charenton (FERRAZ, Ano I. nº 12). O Marquês de Sade viveu setenta e quatro anos, e destes, vinte e sete passou recluso em prisões e manicômios, fato que refletiu em sua escrita. Para Bataille, um entusiasta do Marquês, “Sade foi o primeiro que, no isolamento da prisão, deu a expressão racional a estes movimentos incontroláveis, sobre a negação dos quais a consciência fundou o edifício social – e a imagem do homem.” (BATAILLE, 2005, p. 33). E refletir sobre o aprisionamento e seus efeitos sobre Sade é que nos permite uma análise diferenciada sobre sua obra, ou seja, pensar a obra também a partir do contexto em que foi escrita.

Portanto é preciso analisar a influência do aprisionamento na obra de Sade por outros ângulos, além da libertação dos desejos por meio da escrita. De fato, a escrita tornou-se o meio de vingança de Sade, inconformado com o aprisionamento que sua família lhe impôs. As cartas e anotações nos manuscritos apontam para uma preocupação exaustiva da enumeração dos prazeres, seus biógrafos contam que “nessa época ele escreve várias cartas desesperadas, algumas cifradas, na tentativa de saber quando seria libertado. Além disso, passa a tomar nota cuidadosamente de todas suas sessões de masturbação e de leituras”. Em carta à esposa escreve: “Você imaginou ter feito algo maravilhoso, eu aposto, ao me reduzir a uma abstinência atroz sobre o pecado da carne. Muito bem, você se enganou: você esquentou minha cabeça, fez-me criar fantasmas que terei agora de realizar.” (FERRAZ, Ano I. nº 12, p. 36). Entre as paredes da prisão, Sade escreveu sobre a transgressão aos tabus acerca do sexo em sua época, sejam estes por proibição ou nojo. O erótico, em sua escrita, tomou um caráter violento com cenas de estupro, sevícias e morte, ou mesmo provocando náusea com a coprofagia.

E como personagens libertinos têm-se os membros da nobreza e do clero, como uma forma de degradar os poderes vigentes. Para Bataille, ao ser “excluído da humanidade, Sade só teve na sua longa vida uma ocupação, que decididamente o prendeu: a de enumerar até a exaustão as possibilidades de destruir seres humanos, de os destruir e de gozar com o pensamento da sua morte e do seu sofrimento.” (BATAILLE. *In*. FERRAZ, Ano I. nº 12, p. 36). Assim, realizar sua vingança tornou-se meio de sobrevivência na prisão e manicômio. Realização esta pensada e vivida na ficção, mas que de fato transparecia o sistema prisional do período. Sua concepção de vingança da humanidade passou pela ordem, pelo método e pelo suplício, sistema de punição vivenciado nas prisões do século XVIII. Portanto torna-se importante analisar o paralelo entre a realidade prisional e a obra de Sade e, ao mesmo tempo, questionar o ufanismo dedicado ao autor pelos surrealistas e autores como Bataille e Octávio Paz, que perpetuaram o mito em torno desse autor.



Ilustração 3 – Gravura de uma versão holandesa de *Juliette*

Na literatura erótica de Sade destacam-se três obras: *Justine*, *Juliette* e *Os 120 dias de Sodoma*, onde é explorado o cerne de sua filosofia libertina: o prazer sexual mediante a dor de outras pessoas. Assim a erótica se dá entre algozes e vítimas, sendo que para o algoz obter o seu prazer é auxiliado por “Monstruosas máquinas de tortura, lâminas afiadas, ferros em brasa, chicotes, correntes e outros aparatos de suplício, cujo requinte está em mutilar lentamente

dezenas de corpos a serviço da volúpia libertina, fazendo escorrer sangue dos imolados e o esperma dos algozes, em cenas que têm o poder de produzir simultaneamente a dor das vítimas, o orgasmo dos devassos e o profundo desconforto dos leitores.” (MORAES. *In.* FERRAZ, Ano I. n° 12. p. 39).

Importante ressaltar que, em sua ficção, as vítimas são submetidas à dor e à humilhação contra a vontade e não participam voluntariamente dessa fantasia sexual, numa troca que conhecemos como “sadomasoquismo”, em que a pessoa submissa sente prazer com a dor e a humilhação. Em Sade, o prazer se dá pela destruição do outro, física e moralmente, não havendo cumplicidade, pois “o herói libertino sempre aposta com outro libertino que irá conquistar alguém contra os princípios morais deste alguém.” (GHIRALDELLI JR., Ano I. n° 4. p. 50). Para compreender a moral libertina em Sade é preciso entender que ele não estava imune à mentalidade do século XVIII, pois o Marquês “foi leitor e crítico voraz da produção literária de sua época, teria se servido do discurso ‘do sentimento’, presente em inúmeros romances nesse período, para promulgar suas idéias libertinas. A estratégia de Sade foi expor a corrente da sensibilidade através da reprodução da fala das heroínas dos romances sentimentais, ou seja, uma fala chorosa e cheia de arroubos emocionais, nos quais promulgam-se conceitos como a virtude, a moralidade constituída em uma sociedade cristã, a ‘boa natureza’ e todo o ideário de amor ao próximo. Em sua escrita estes ‘valores’ são desafiados por uma voz divergente que é libertina e devassa, evidencia-se ‘a necessidade imperiosa de afrontar tais valores e destruir-lhes o significado, o que constitui a tônica de sua literatura.’ (SERRAVALLE DE SÁ, Ano I – N° 02, p. 367). E assim o desregramento libertino de sua obra se dá não apenas por sua postura anticlerical, mas também pelo desejo de destruição do humano. O libertino está em situação de superioridade em relação à vítima, e quando se submete aos desejos violentos de outros libertinos – pois compreende que seu corpo também deve estar sujeitado aos outros – era porque também desejava a dor, como em *Os 120 dias de Sodoma*. O controle é sempre dos libertinos, que também representam os poderes aristocrático, religioso e econômico – Bispo, Duque, Presidente de Província e Financista. (SADE, 2006)

Para Ghiraldelli é preciso compreender os libertinos não pelo que eles desejam, mas sim pelo que não alcançam:

A filosofia libertina quer, não raro, levar o seu adepto a experimentar todo tipo de sexo, e muitas vezes o que está envolvido com o castigo corporal. O objetivo é tornar o adepto nada mais nada menos que um deus. Ele deverá ser alguém capaz de se desfazer do prazer e dor, chegando em um nível ótimo de controle racional dos sentimentos e do corpo. Esse controle racional nada mais é que a situação de apatia. O libertino tem como missão chegar nos corpos antes que a natureza chegue. (...) Assim, o libertino experimenta todo o tipo de prática orgiástica – de modo metódico e com técnicas filosóficas bem preparadas – para se tornar um verdadeiro apático. (GHIRALDELLI JR., Ano I. nº 4, p. 47)

A prática ordenada, ritualística e controlada do sexo, conduz à apatia. Os libertinos, em especial Sade, confrontam a moral cristã, porém impõem ao prazer sexual a ordem e o controle sobre o corpo do outro e sobre o seu próprio corpo. O suplício e o disciplinamento estão presentes em sua obra, assim como o poder de soberania e o poder disciplinar⁴ se mesclam em seus relatos. Sade escreve sua erótica pela lógica do poder: aristocracia/clero/homens sobre a plebe/mulheres/crianças, sendo estes últimos os que sofrerão dor e humilhação para o prazer dos primeiros. Octávio Paz, leitor entusiasta de Sade, discorre em relação à obra do autor:

Conhecemos as sevícias que cometem os libertinos no corpo de Justine, mas o que sentia ela? Sade não diz uma única palavra sobre isso. Paulhan interpreta esse silêncio como uma confissão involuntária e conclui: o segredo de Sade se chama Justine, quer dizer, o filósofo do sadismo era masoquista. Ideia mais original que verdadeira. Acredito que o silêncio de Sade tem outra explicação: ao contrário dos grandes criadores, ele era incapaz de pintar ou recriar sentimentos e sensações. (PAZ, 1999, p. 103)

A ausência da descrição de sentimentos e sensações das vítimas é evidenciada nos ritos e máquinas que condicionam o corpo seviciado que se descobre pela dor, não pelo prazer. Se o libertino busca apatia, faz isso pela vitimização e dor do outro. Mas a sua busca pela apatia não é transgressora da sociedade, se pensarmos que usa dos mesmos instrumentos de disciplinamento e suplício do período. É ofensivo e transgressor à moral da Igreja, mas não podemos dizer o mesmo em relação à prática da Igreja, ao lembrarmos dos suplícios da ‘Santa Inquisição’. Sade não liberta o corpo, ele aprisiona o sexo/eros na mesma maquinaria do modelo disciplinar do século XVIII.

Para Bataille, “freqüentemente, a transgressão da proibição está tão sujeita a regras quanto a própria proibição.” (BATAILLE, 1988. p. 57). Porém Sade vai mais além em sua maquinaria de controle do que se tem como transgressão. E assim, n*Os 120 Dias de Sodoma*,

⁴ Segundo a concepção de Michel Foucault. (FOUCAULT, 2009)

escrito na Bastilha⁵, num dos aprisionamentos a que o autor foi submetido, transparece em seu relato a ordem e o ritual:

No capítulo dos horários, por exemplo, a jornada é inflexível: os devassos devem acordar diariamente às dez horas da manhã; às onze é servido o desjejum; segue-se a inspeção dos haréns e, entre uma e duas da tarde – ‘e nem mais um minuto’, adverte o narrador – eles permanecem na capela devotada às volúpias coprofágicas. Das duas às três, durante a refeição dos súditos, os senhores descansam na sala de conversação. Seu almoço dura exatamente duas horas e, uma vez terminado, há espaço para um repouso de quinze minutos. Às seis em ponto a comitiva se reúne na Câmara de Assembléias para dar início aos trabalhos do dia, que se prolongam por quatro horas. A ceia é servida às dez da noite, seguida de uma orgia que deve cessar pontualmente às duas da madrugada, quando todos se recolhem. (MORAES, Ano I. n° 12, p. 42)

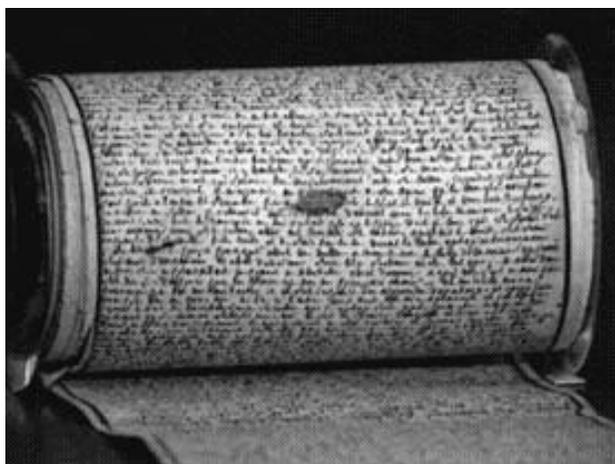


Ilustração 4 – Manuscrito dos 120 dias de Sodoma

Portanto o prazer é concebido na ordem, na ritualística e não na espontaneidade e desejo dos corpos. O cálculo de 600 paixões distribuídas em 150 modalidades a serem vividas em 120 dias, obedece a um planejamento, uma meta a ser alcançada, com horários rígidos. Segundo Eliane Moraes, “o protocolo dos horários talvez baste para sugerir a relevância da precisão numérica nesse livro que, a começar pelo título, opera com uma prodigiosa quantidade de algarismos, sinais, medidas, listas e toda sorte de cálculos.” (MORAES, Ano I. n° 12, p. 42). Para manter a ordem e alcançar os objetivos, é concebido um regulamento pela Sociedade Amigos do Crime (SADE, 2006, p. 54ss), criada pelos quatro libertinos, mas que pune a todos

⁵ Sade foi retirado da Bastilha um dia antes de sua tomada, sendo que os manuscritos permaneceram em sua cela, um rolo de 12 metros escondido dentro de um ‘consolo-de-viúva’. Foi dado como perdido, mas de fato um certo Arnoux Saint-Maximin o pegou na invasão da Bastilha. O manuscrito foi vendido a colecionadores e publicado por Ivan Bloch, apenas em 1904. (FERRAZ, Ano I – N° 02, p. 37)

pelo não cumprimento de suas regras, em especial àqueles que ali estão contra a vontade – que foram sequestrados e seviciados – sendo que dez morreram durante as orgias e vinte foram sacrificados no último mês, cuja decisão de vida e morte coube aos libertinos.

Para Ferraz, “é a força desse imaginário erótico e cruel que fez com que Sade renascesse e brilhasse no céu da literatura a partir do surrealismo, que queria inicialmente libertar as frases e as palavras de toda vigilância racional. O imaginário de Sade era uma rica fonte de inspiração.” (SADE, 2006, p. 39). O movimento surrealista eleva Sade à categoria de “Divino Marquês” pela ousadia de seus textos, de escrever desejos inconfessáveis, de se permitir libertar pela escrita.

Porém, não é possível esquecer que sua obra é um catálogo, obedece a uma ordem ritualística, na qual ele pensou em impregnar e chocar a humanidade com suas perversões e, para tanto, pensou em

inventariar, enumerar, catalogar. Trata-se de criar um catálogo, o mais completo possível, contendo toda sorte de elementos disponíveis que, de alguma forma, possam servir à libertinagem. Uma vez realizado esse inventário, a possibilidade do deboche fica garantida, pois dele depende o inesgotável jogo ao qual os personagens sadianos se abandonam com rigor e obstinação, revelando o sentido maior de suas elucubrações aritméticas: a combinatória. (MORAES, *In*. SADE, 2006, p. 11) As cartas e anotações nos manuscritos apontam para uma preocupação exaustiva da enumeração dos prazeres, seus biógrafos contam que nessa época ele escreve várias cartas desesperadas, algumas cifradas, na tentativa de saber quando seria libertado. Além disso, passa a tomar nota cuidadosamente de todas suas sessões de masturbação e de leituras. (FERRAZ, Ano I. n° 12, p. 36)

Se nos seus primeiros escritos há uma preocupação em confrontar a Igreja e a aristocracia, como em *Diálogo entre um padre e um moribundo*, em *Os 120 dias de Sodoma e Juliette*, o suplício do corpo é o mais importante, tornando a crítica à moral religiosa e política pano de fundo, não o objeto de seu texto. Seus escritos também podem constituir uma forma de libertação da prisão, ou seja, fazer da escrita uma forma de confrontar o aprisionamento que lhe foi imposto pela família. Ou seja, mesmo preso Sade continuava chocando e envergonhando seus familiares.

O erótico em Sade está vinculado à morte e à violência, é um sexo ordenado, onde o corpo é supliciado e os atos são disciplinados. O sexo proposto por Sade não é transgressor da sociedade do século XVIII, é ordenado, ritualístico e corrobora com a sociedade disciplinadora. Para Foucault, “ele nos entedia, é um disciplinador, um sargento do sexo, um contador de bundas e de seus equivalentes.” (FOUCAULT, 2001, p. 370). Isso porque Sade foi tão obcecado

em numerar e catalogar as flagelações que qualquer intenção no sentido de interpretar sua obra como uma crítica ao disciplinamento imposto a ele em cárcere perdeu-se na sua obsessão. Sobre disciplina, falta erótica.

Portanto, se há algo que Sade nos oferece é a liberdade da escrita e da ficção, a libertinagem compreendida como devassidão e o desregramento de conduta no ato da escrita, na coragem de expor seus desejos inconfessáveis. Porém, como um “catálogo de perversões sexuais e uma combinação de posições” (PAZ, 1999, p. 99), não nos oferece uma possibilidade de erótica do compartilhar dos corpos, a partir de uma sensualidade e desejos, pois o Outro para Sade é uma vítima a ser destruída. O autor expõe os desejos mais violentos e vis do ser humano, em que a morte e a erótica se confundem.

Propor uma leitura diferenciada da obra sadiana, a partir do contexto histórico e analisada com base nos referenciais teóricos da História, é uma forma de desmitificar sua produção e o próprio Marquês de Sade – ir além da lenda, do ufanismo, para então compreendê-lo, ou seja, entendê-lo como um nobre de seu tempo – pois mesmo questionando a moral constituída no século XVIII, não deixou de requerer para si os privilégios aristocráticos e, em seus escritos, transpareceu a realidade desse poder na criação de seus libertinos. Sade se libertou em sua escrita, porém seus defensores entusiastas, como os surrealistas Breton e Apollinaire, além de Bataille, Octávio Paz e outros, aprisionaram-no em sua lenda e nas suas interpretações sobre o erótico. Discutir a obra de Sade é também discutir os olhares sobre o erótico, em especial de Bataille, que muitos compreendem como uma interpretação final sobre a temática, mas que de fato apresenta uma possibilidade de leitura entre tantas outras. Frisa-se novamente que o grande aprendizado sobre Sade é sua entrega à escrita, sua coragem em expor o seu erótico, desafiando cada pessoa a expor também o seu olhar erótico.

Assim, restam algumas perguntas: onde encontrar essa erótica? Como fugir dos suplícios sadianos e da moral cristã? O romance no século XIX aos poucos apresenta o desejo sexual, a erótica dos corpos se sobrepondo à moral cristã. Entre os autores é possível citar Flaubert e Oscar Wilde, mas que são obras em que a erótica perpassa, revela-se na literatura, dão a tônica da obra. Mas pode-se dizer que é o seu objeto? Ou seja, o ato sexual ou a moral estão postais à prova nessas obras? O romance apresenta uma erótica liberta, mas não é possível afirmar que os romancistas escreviam voltados à literatura erótica. Esta literatura também se aproxima de uma

narrativa *voyeurista*, também compreendida como uma forma de educação sexual em que os jovens, em especial, poderiam divertir-se com “suas brochuras para se ler com apenas uma das mãos” numa busca ficcional do detalhamento dos corpos e do desejo. Busca esta que encontrará uma possibilidade de erótica que satisfaça a diversidade do desejo.

Este artigo compreende um breve início de discussão sobre a literatura erótica ao longo da história. Porém há muitos outros autores e obras literárias que merecem ser discutido, como Kama Sutra, Henri Miller, Anaïs Nin, George Bataille, Hilda Hilst, Roberto Freire e, por que não, as malditas Adelaide Carraro e Cassandra Rios.

Autores que pensaram a escrita do erótico diferentemente de Sade, que puderam narrar a ficção erótica após o encontro com a obra do Marquês, que de certa forma abriu caminho para a narrativa do erótico, pelo fato de serem obras que transgrediram a concepção erótica então existente. Ao escrever sobre o erótico, esse autor permitiu que outros escritores também narrassem suas ficções.

Referências Bibliográficas

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Lisboa: Ed. Antígona, 1988

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. *Apud*. Revista Bravo. Ano 9. Outubro de 2005.

FERRAZ, Heitor. **Sade: a dissolução como método**. Entre Livros, Ano I. nº 12.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos – Estética: literatura e pintura, música e cinema**. RJ: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história das violências nas prisões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. 1857.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **A Carne é Fraca: a filosofia e a pornografia, ou o feminismo e a libertinagem**. Filosofia, Ano I. nº 4.

KNIFE, Senno. **Sade**. SP: Conrad, 2006.

MORAES, Eliane Robert. **Inventário do Abismo**. Entre Livros, Ano I. nº 12.

PAZ, Octávio. **Um mais além erótico: Sade**. SP: Mandarim, 1999.

REAGE, Pauline. **História de O**. SP: Brasiliense, 1985.

SADE, Marquês de. **Os 120 Dias de Sodoma ou Escola de Libertinagem**. SP: Iluminuras, 2006.

SALIBA, Elias Thomé. **Pornografia e Revolução**. Entre Livros, Ano I. n° 12.

TORRANO, Jaa. **Hesíodo - Teogonia: A Origem dos Deuses**. Estudo e Tradução. SP: Iluminuras, 1995.

VALLADARES, Eduardo. Apresentação. *In.* SADE, Marquês de. **Discursos Ímpios**. SP: Iluminuras, 1998.